

Quase um espasmo mas não foi o fim

A pesar da impressão de catástrofe fortalecida pelas primeiras páginas de todos os jornais, ainda não é o fim. Teria havido apenas intensa manobra de especulação no paralelo e no mercado de ouro. O governo resolveu abandonar o paralelo à sua própria sorte depois que perdeu parte das suas reservas tentando manter uma correlação entre o dólar da especulação e o dólar comercial. Também não é seu papel controlar o mercado do ouro. Esse controle é feito pelas bolsas de Londres e Nova Iorque.

Essa avaliação foi feita por especialista em negócios e coincide com análises técnicas, como a do deputado Delfim Neto, de que ainda não é a hiperinflação e de que o governo não perdeu o controle da situação. No entanto, o dano causado ao governo e ao país pela repercussão do pulo do dólar chegou a provocar intenso nervosismo nos centros de decisão política. No Congresso a emoção prenunciou um apocalipse. Em São Paulo, onde se reuniam o governador Fleury e o presidente do PSDB, chegou-se a supor que o colapso era iminente.

A decisão de abandonar a tentativa de controlar os ativos de risco seria apenas um item da política econômica conduzida pelo ministro Marcílio Marques Moreira, assistido pelo secretário de Política Econômica, Roberto Macedo. O choque psicológico poderá ter causado danos acima do previsto, mas o governo continua confiante em que obterá os resultados que pretende com a liberação do mercado paralelo e a elevação das taxas de juros.

A sensação de estar o país à beira da catástrofe poderá produzir efeitos na



negociação do "acordo paralelo" que se diz estar em curso nas conversas que têm sido conduzidas pelo governador Luiz Antônio Fleury, que retomou o tema no

encontro com Tasso Jereissati. Sabe-se que também o governador de Minas, Hélio Garcia, para quem não é bom deixar isolado o presidente da República, está empenhado em participar de gestões das quais resultem alternativas para um entendimento político com Collor. O governador de Pernambuco, Joaquim Francisco, dizendo-se embora perplexo, não se sentia otimista mas também resistia ao desespero.

Essas respostas ao agravamento do quadro de crise de certa forma compensam a dramática advertência do senador Fernando Henrique Cardoso, o qual aconselhou que o Congresso ficasse "em estado de alerta, como acontece nos quartéis que se preparam para abrir fogo". O presidente da República continua a tocar sua tarefa, apesar do seu descontrole emocional da última sexta-feira, manifestação à qual se atribui parte da responsabilidade pela reação traumática registrada nas bolsas do Rio e de São Paulo.

A capacidade de assimilação desse espasmo crítico se definirá nos próximos dias. Se se acentuar a sensação de que o país tornou-se um doente terminal, tudo poderá seguir no rumo de saídas traumáticas. Do contrário, o relativo equilíbrio na crise poderá ser encontrado e retomada a expectativa de que o governo consiga, afinal, apresentar algum resultado que elimine o estado de pânico que chegou a afetar alguns setores nos dois primeiros dias desta semana.

Avaliação argentina

Manda-me o deputado Paes Landim recorte de artigo de Mariano Grondona no *La Nación*, de Buenos Aires, do último dia 27, no qual começa por dizer que o presidente Collor atravessa os piores momentos do seu governo. "Um vento de condições negativas", escreve o jornalista, "se abate sobre o Brasil. Um presidente débil e sem plano trata de sobreviver em meio ao isolamento político. O humor do brasileiro médio deixou de ser alegre e otimista. Como disse um agudo analista: o samba se torna triste enquanto o tango parece alegrar-se. É que, à parte as dificulda-

des conjunturais, os obstáculos estruturais à mudança econômica são, no Brasil, muito maiores do que na Argentina."

E adiante: "O Brasil, esse colosso mal ferido, é, ao fim e ao cabo, o país com o qual a Argentina decidiu celebrar a mais estreita das associações. Tendo avançado ao menos um bom trecho em nosso próprio ajuste, vemos com ansiedade que o Brasil não avançou no seu. Nós o esperamos na metade do caminho para o Mercosul; desejamos que logo nos alcance. A espera nos devolve o inquietante argumento de Becket no *Esperando Godot*. Há um ponto além do qual o que espera desespera."

Lição

Rogério Azevedo, de Governador Valadares, lembra-me — e não é a primeira vez que recebo

esta aula — que o verbo é *viger* e não *vigir*, como aqui escrevi recentemente.

Obrigado.

Carlos Castello Branco